

UM DIÁLOGO INTERCULTURAL

AN INTERCULTURAL DIALOGUE

Angela Susana Jagmin Carreta¹, Elisabeth Cristina Drumm²

RESUMO

Trata-se de uma reflexão sobre a concretização da proposta de uma disciplina de doutoramento em Educação, ao promover encontros interculturais, entre estudantes de pós-graduação e índios guaranis num momento e, com um mestre tamboreiro, em outro. O diálogo intercultural estabelecido e a diversidade cultural emanada das falas dos envolvidos, balizada pelas leituras, leva-nos a crer que elas podem vir a serem forças para robustecer o consenso sobre os direitos humanos. Nesse processo observa-se a preservação do patrimônio imaterial como uma herança transmitida pela oralidade, de pai para filho.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade; indígenas guaranis; africanidades.

ABSTRACT

It is a reflection on the implementation of the proposal of a doctoral discipline in Education, by promoting intercultural encounters, between postgraduate students and Guarani Indians at one time and, with a tambourine master, in another. The established intercultural dialogue and the cultural diversity emanating from the speeches of those involved, guided by the readings, leads us to believe that they can be the forces to strengthen the consensus on human rights. In this process the preservation of intangible heritage as an inheritance transmitted by orality from father to son is observed.

KEYWORDS: Interculturality; indigenous Guarani; africanities.

INTRODUÇÃO

A proposta da disciplina Corpo, vivência e espiritualidade, que compõe a linha de pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação do doutorado em Educação da UNISC permitiu dois momentos vivenciais distintos: um

¹Mestre em Ensino de Ciências Exatas.

²Mestre em Manifestações Culturais.

com dois indígenas guaranis e outro com um mestre tamboreiro de nação. O diálogo intercultural esteve balizado por leituras, das quais decorreram reflexões que resultaram neste artigo.

Propõe-se, assim, neste artigo ampliar as percepções em torno de outras culturas, a trazida pelo mestre Renato Beabá e a que ocorreu com os índios guaranis Vherá Poty e Osvaldo Chamorro, num ensaio reflexivo de natureza fenomenológica.

A atitude fenomenológica é uma atitude de abertura, de liberdade de nossos conceitos, valores e preconceitos. A abordagem revela-se [...] apropriada à educação, pois ela não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, buscando a compreensão daquilo que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto. Buscando o sentido e o significado mundanos das teorias e das ideologias e das expressões culturais e históricas (BICUDO, 1999, p. 13).

O Brasil é considerado o país da diversidade, constituído pela fusão entre colonizadores, escravos trazidos da África, imigrantes de diversos países e os nativos – os indígenas. Dessa miscigenação decorreram aspectos físicos aparentes: olhos azuis, castanhos, verdes, amendoados, ...; cabelos lisos, crespos, encarapinhados (kinky); peles de diversos tons – branca, morena clara, morena escura e negra. Mas, também constituíram imenso patrimônio imaterial.

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, compreende o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam. Essa definição bem indica o entrelaçamento das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais. (CASTRO, 2008, p. 12).

O conceito de patrimônio cultural imaterial está assim definido no artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003).

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (p. 11)

Portanto quando se trata de patrimônio imaterial evidencia-se a identidade de um povo, sua construção sócio-cultural e ofícios, que são perpetuados através das gerações pela tradição oral. Essa visão possibilita uma ampliação das reflexões e compreensões sobre a memória e história das comunidades regionais nativas e dos grupos étnicos, sociais e religiosos.

O diálogo intercultural que aqui se inicia é ilustrado pelo Samba Enredo da Imperatriz Leopoldinense (RJ), 1972, de autoria de Martim Cererê, “[...] O índio deu a terra grande/ O negro trouxe a noite na cor/ O branco a galhardia/ E todos traziam amor/ Tinham encontro marcado/ Pra fazer uma nação [...].” Dessa forma, no país da diversidade cultural é preciso dialogar, aproximando-se das questões étnicas, religiosas e culturais, sendo imprescindível à constituição de um novo modelo social e cultural adaptado a um país em evolução, o qual permita a todos os sujeitos provenientes das mais diversificadas culturas desfrutar dos direitos humanos. Este diálogo exige reflexão, o qual implica no compartilhamento de responsabilidades do poder público, das associações da sociedade civil e de todas as outras partes interessadas em promover um ensino mais justo e fraterno.

1. DIALOGANDO COM A CULTURA GUARANI

O encontro intercultural promovido pelo doutorado em Educação da UNISC com os representantes dos indígenas guaranis trouxe elementos da religiosidade, da dança, da educação e da tradição de um povo.

Ao tratar do tema educação Vherá afirma que “O controle da educação do povo guarani está ligado aos princípios da educação ensinamentos da/para vida (comunicação verbal, 18/06/2016).” No diálogo muitas vezes silencioso, marcado pelo olhar, decorrente de muitos questionamentos, ficou evidente de que a educação dos guaranis começa na gestação, pois acreditam que os pais devem tomar consciência de seus comportamentos, vigiar os pensamentos, cuidar da alimentação. “A saúde não é para o momento, é para a vida (idem). Os conhecimentos são passados pelo coletivo, visto que a conservação das práticas culturais atreladas à espiritualidade os mantém fortes. Dessa forma, os mais velhos se tornam as pessoas de referência.

Pode-se verificar esta relação que existe com os mais velhos para preservar as tradições, na conversa entre kunhã karaí Florentina Pará Vherá Poty, seu neto,

na tekoá Jataity (aldeia do Cantagalo, Porto Alegre, RS), gravado em novembro de 2008.

Vherá Poty: Hoje, nós os mais jovens, temos um dever que nos obriga a mostrar e deixar ser escutada a sonoridade tradicional a outros povos diferentes. Quero ter certeza para registrar no CD se vocês, os mais antigos, quando criavam os cantos, de onde vinham os sentidos desse cantar? Florentina Pará: Os cantos eram feitos exatamente tendo os mesmos sentimentos de hoje quando vocês criam, ou seja, os cantos são o fundamento da educação, que ao invés de ser só falada, é cantada, é melodia que traduz os sentidos dos conselhos entrando diretamente nos corações daqueles que os ouvem. Há um lugar perto daqui onde um parakau (papagaio — fonte da sonoridade divina) nos aguarda para que atravessemos o grande oceano com sua melodia, mesmo sabendo que hoje é mais difícil (que antigamente), mas nunca perderei a esperança de que um dia uma simples pessoa que vive entre nós possa alcançar este lugar. Pois nunca esqueço a noite em que vocês tiveram seus nomes-espíritos revelados pelas divindades que os enviaram, e as palavras reveladas foram faladas pelo seu avô, vida valorosa, a caminhada e o destino que vocês teriam pela frente, assim como fortalecer, alegrar o pai e a mãe, que veriam eles velinhos pelo amadurecimento da vida. “Você é o enviado dos Tupã Mirĩ, que te criou da simplicidade, porém com a força luminosa que se espalha por todos que através da sua força ficam fortes”. Assim falou o teu avô no sagrado canto-ritual da revelação dos nomes-espíritos.

Dessa conversa entre avó e neto, expressa na simplicidade da temática verifica-se o respeito pelos mais velhos, a curiosidade pelo ambiente/natureza, as crenças, a melodia que revela os sentidos das recomendações que são dadas.

Mais uma vez a oralidade está presente. “[...] não apenas na fala, mas na escuta respeitosa e atenta à palavra: escutar e entoar os cantos e se dispor ao ensinamento que é oferecido pela palavra são marcas importantes da educação tradicional Guarani.” (MENEZES, 2015, p. 112).

E, assim, a educação ocorre a vida inteira. “Em cada fase é importante aprender. Estou aqui tentando expressar em pequeno tempo (horas) o que levei anos para aprender.”(comunicação verbal, 18/06/2016).

A fala criteriosa, pensada e analisada pelo indígena foi mesclada pela dança, enquanto símbolo de respeito. Nas demonstrações e tentativas de penetrar na cultura indígena, os primeiros passos remeteram-nos ao movimento dos joelhos das crianças quando ao som de uma música se movimentam. Na circularidade em que se organiza, o ritmo manifesta uma continuidade e os passos são bem acentuados. Para além da disposição, da “coreografia” proveniente dos antepassados há uma energia profunda. O toque das mãos e o passos pré-estabelecidos nos fizeram dançar, dançar, dançar... As músicas que ganhavam vida a partir do CD, são tidos como “conselhos entoados, palavras com melodia”

(comunicação verbal, 18/06/2016). As danças guaranis, durante apresentações públicas constituem-se num movimento cultural (MENEZES, 2015).

“Dança e memória identitária de uma cultura se combinam com escola em espaços e tempos diferenciados da instituição que conhecemos e que se refaz no cotidiano guarani.” (Vherá Poty, comunicação verbal, 2012).

Vivemos num mesmo país, teoricamente temos os mesmos direitos, mas comungamos de poucas idéias comuns. Na ânsia de produzir, de adquirir mais e mais bens materiais, descuidamos do meio ambiente, esquecemos dos conselhos dos mais velhos e, até mesmo, ignoramos nossos patrimônios – material e imaterial. “Para os guarani mbyá, o sol é uma divindade. Toda manhã, assim que “nhamanderú nhamandú” se ergue iluminando a aldeia e a mata ao redor, os índios acordam e se reúnem em torno do fogo para tomar chimarrão (CLICK RBS, 15/08/2015). Esse costume, nós gaúchos, herdamos dos indígenas: o fogo, o mate, o diálogo. Mas e os sonhos, os ensinamentos provenientes dos mais velhos tem recebido a merecida atenção?

Ao refletir acerca da interculturalidade, travou-se com os guaranis mais um diálogo, resultante das pesquisas nesta área. Dele emanou a voz do coração, da pureza da alma, capaz de desencadear o diálogo e o respeito entre duas culturas.

Pena que historicamente tudo tenha sido tão diferente. A idéia dos colonizadores silenciou o diálogo entre as culturas e negou a interação entre as diferenças existentes entre nossas culturas.

O que se deu no Brasil foi uma mistura física e não uma comunhão de almas, porque o conquistador não reconhecia um valor mínimo nas qualidades humanas daqueles que subjugava – somos de fato um povo de raças misturadas. Misturadas biologicamente, geneticamente, mas a mistura psíquica, a fertilização mútua entre as almas, esta ainda não se deu. (GAMBINI, 2000, p.175)

Apesar dos fatos que a história revela, do colonizador impor sua cultura e desconsiderar a dos colonizados, o encontro entre os indígenas e um grupo de estudantes de pós-graduação parece constituir-se numa nova oportunidade de respeito ao diferente. O próprio Vherá nos convidou a viver uma nova fase, dizendo “[...] não posso julgar vocês pelo que seus antepassados fizeram com nosso povo, temos que dialogar e construir juntos.” (comunicação verbal, 18/06/2016).

As manifestações culturais atravessaram o tempo através da oralidade. Desse costume mantêm-se os passos da dança, as crenças, os termos apropriados, os rituais

religiosos, o conhecimento proveniente dos ancestrais de diversas culturas. Através de um fragmento do poema de Patricio Guerrero Arias, “Más allá de la razón hay un mundo de colores” num convite ao redimensionamento de nossos propositos a partir da força de nossos corações.

El anciano sabio Karai Miri Poty nos recuerda: Que debemos aprender a crear, a ser nuestra propia agua, nuestro propio sol, nuestra propia tierra... Que para ello debemos aprender a caminar por nuevos caminos.... Que los seres humanos debemos reencausar nuestro camino y nuestro caminar... Que es urgente reencausarnos en el camino, caminar desde el lugar de nuestra existencia, y para eso es importante conocernos, conocer nuestro propio camino, y conocer a los demás, conocer el camino de los otros; para poder ser, estar y sentir en el mundo. Que la única forma de reencausar el camino, es desde la fuerza del corazón, y para ello, hay que tener siempre encendido fuego en el corazón, que no debemos dejar que nunca este fuego se apague...

3. A ANCESTRALIDADE E A TRADIÇÃO NA VOZ DE UM MESTRE TAMBOREIRO

Dentre as contribuições culturais do negro temos o samba, o mais original gênero musical brasileiro, o qual dá o rito para a maior festa cultural de nosso país: o Carnaval. Além do samba, a capoeira constitui-se em patrimônio cultural brasileiro. Inicialmente foi desenvolvida para defesa, mas aos poucos os movimentos foram adaptados às cantorias africanas e tornaram-se muito semelhantes a uma dança. Quanto aos aspectos religiosos, convém lembrar que

[...] a religião afro-brasileira é importante por varias razões: ela contribui para unificar a “etnia”; desempenha papel revolucionário ao opor seus próprios valores aos da religião dos brancos; permite ao negro reatar com seu passado, uma vez que soube preservar seus mitos e seus heróis; e é uma das principais fontes de inspiração para os projetos políticos do movimento negro. (CAPONE, 2004, p. 314).

De acordo com a Enciclopédia Britannica Escola Online, dentre as principais religiões afro-brasileiras destacam-se o candomblé e a umbanda, exercidas em praticamente todo o território brasileiro. Porém, ocorrem variações locais das duas religiões acima citadas tais como o babaçuê, no Pará, o batuque, no Rio Grande do Sul, a quimbanda, no Rio de Janeiro e em São Paulo, e o tambor de mina, no Maranhão.

Nos cerimoniais religiosos observa-se certa ênfase nos gestos e na postura corporal, na organização circular da dança, sob o som dos tambores, os quais são considerados sagrados e tocados pelas mãos ágeis do mestre tamboreiro invocando os orixás.

[...] Os ritmos acelerados que os tocadores tiram deles acompanham o transe dos médiuns, por meio dos quais as entidades do além se manifestam, freqüentemente assumindo posturas corporais e vozes diferentes. Cada ritmo permite a incorporação de uma entidade sobrenatural, que tem toque, cores, adereços, roupas, comida e gestos próprios. Cada terreiro tem seus orixás e espíritos, cada médium recebe determinadas entidades, em número limitado. (SOUZA. 2008, p. 133)

A música e a dança entrelaçadas na própria religião configuram-se num convite para que os “deuses” venham à terra dançar, aceitando ao chamado da música marcada pelo ritmo do tambor. Estes e outros aspectos da cultura afro-brasileira foram enaltecidos pela música popular brasileira, nos idos anos 30 e 50. Uma delas, “Ela diz que tem”, composta por Dorival Caymmi, com letra de Hannibal Cruz e Luiz Peixoto foi cantada por Carmem Miranda e divulgou mundialmente alguns elementos das religiões afro-brasileiras (termos, ritmos, danças, trejeitos, comidas, vestuário e adornos), mesmo que um tanto estilizados:

Ela diz que tem / Tem cheiro de mato / Tem gosto de coco / Tem samba nas veias / Tem balangandãs / Tem a pele morena e o corpo febril / E dentro do peito o amor do Brasil / Cantei em São Paulo / Cantei no Pará / Tomei chimarrão e comi vatapá / Eu sou brasileiro / Meu it revela / Que a minha bandeira é verde-amarela / Eu digo que tenho / Que tenho muamba / Que tenho no corpo um cheiro de samba / Só falta para mim um moreno fagueiro / Que seja do samba e bom brasileiro.

Segundo as palavras do mestre Renato Beabá de Angola, em sua visita a UNISC, no dia 15 de julho deste ano, numa atividade da referida disciplina, Optativa da Linha de Pesquisa e Comum ao Mestrado e Doutorado em Educação durante os rituais “a gente não canta, não são música, são rezas.”

Renato Oliveira além de tamboreiro é mestre em capoeira e eficiente artesão na construção de tambores. Intitula-se um guardião da cultura e história oral de origem africana. Atua na Escola do Babá de Angola, Malta dos Guris e das Gurias e mantém um blog. No menu há oito tópicos: conversa de tambores; treinos; histórico; mestres do saber; o tambor; outros grupos; propostas e sarau no Casarinho.

O mestre apresentou-se ao grupo, de uma forma muito original:

Sou Renato Oliveira, filho de Dona Nelma Eu sou um fazedor de tambores. Eu sempre fiz tambores. Meu pai fazia tambor. O pai do pai do meu pai também fazia e o pai do pai do pai do meu pai também fazia, aprendeu com meu avô, que aprendeu com o pai dele, que aprendeu com seus ancestrais, numa forma de manter viva a história. (UNISC, 15/07/2016).

A forma como iniciou o diálogo tocou-nos profundamente, pois não temos o hábito de abrir palestras ou encontros educacionais promovendo nossa ancestralidade, o fazemos descrevendo brevemente nosso currículo, com ênfase em nossa formação e/ou publicações. Realmente, constitui-se num novo olhar para os aspectos que permeiam a interação entre culturas. E assim, prosseguiu, conforme um pequeno trecho do livro “Tradição – A arte de viver de um povo”, de sua autoria:

Meu filho faz tambor, minha neta faz tambor, porque é a forma que a gente encontrou de continuar nos comunicando com nossos ancestrais e mantendo viva a nossa tradição. Nós fomos educados através dos tambores e meus quarenta e poucos anos de idade se tornam quatrocentos através da essência dessa prática da nossa tradição. (publicado no blog Escola do Beabá de Angola, em 03/04/2014).

Ao falar de sua arte, a confecção de tambores, deixou transparecer todo o seu respeito e convicção ao afirmar que “[...] para mim, o tambor é mágico; é vivo. A madeira é viva e o couro também. Ele é sagrado na cultura africana.”

Por considerar a sabedoria popular uma ferramenta para a evolução da humanidade, esclareceu que todo mestre necessita de um seguidor, o qual será o responsável por dar continuidade as suas práticas, com precisas verdades de suas vivências, não podendo alterar informações, “seduzindo as comunidades por onde passa através da oralidade” (Mestre Renato, UNISC, 15/07/2016). Assim, é tarefa do mestre narrar histórias de seu tempo através da música, da religião, da educação no meio familiar e social, da dança e da luta de um povo guerreiro que conservou dignou e lutou pela sua liberdade.

Enfatizou ainda, que os saberes e os costumes precisam ser transmitidos de geração em geração, para que os mais jovens não corram o risco de perder a identidade, podendo assim respeitar os valores de seus ancestrais. Corroborando com Thompson, “[...] é preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (1992: 17).” E é através deste recurso, da oralidade, que os mestres e guardiães dos saberes em torno das africanidades perpetuam seus costumes e tradições, sua dança, sua religiosidade.

E é possível que através do tambor, do seu formato, do seu ritmo empregado como forma de comunicação, influencie o comportamento de toda a comunidade que o respeita e entende sua finalidade, remetendo-os à

ancestralidade. Este instrumento de percussão possui diferentes nomes, de acordo com sua forma cilíndrica ou cônica. “O ritmo do tambor dá-lhe vida própria (UNISC, 15/07/2016).

Inhã, o tambor dois lados, assim denominado na Angola ou Batacoto, na Nigéria tem em suas extremidades uma função bem definida, conforme o Mestre Renato: o lado de boca maior, tem a ver com o mundo material, enquanto que o lado de boca menor, é pertinente ao mundo espiritual. Durante o diálogo, frisou que, “[...] no sagrado o tambor fica deitado. Em pé, é a morte. (UNISC, 15/07/2016). E é através do som que o tamboreiro estabelece o diálogo entre os dois mundos – o real e o espiritual.

Portanto, na cultura afro o tambor é empregado tanto para coletivização dos costumes, quanto nos rituais religiosos. Trata-se, pois, de “um objeto sagrado de espiritualidade e sobrevivência de sua espécie” (UNISC, 15/07/2016).

A ancestralidade e a cultura africana são elementos vivos, de outro tempo e de outro ritmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destes encontros com a interculturalidade evidencia-se o papel da universidade em promover o diálogo entre diversos grupos sociais e propor reflexões sobre a interfase das representações simbólicas e indenitárias que permeiam suas tradições e construções históricas. Tudo isso leva a um maior cuidado e valorização do patrimônio imaterial característica marcante tanto na cultura afro quanto na indígena guarani.

A identidade destes povos, resultado de suas construções sócio-históricoculturais tem sido perpetuada de geração em geração através da valoração e prática da história oral. Um olhar neste viés nos dá maiores possibilidades de compreender e respeitar a diversidade das comunidades regionais nativas e dos grupos étnicos, sociais e religiosos.

Portanto fica o desafio, enquanto pesquisadores de apoiar projetos dessa natureza e, quem sabe, de nos constituirmos também como guardiões e promotores do patrimônio cultural imaterial.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Org.) **Fenomenologia**; uma visão abrangente da educação. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 11-51.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Pallas, 2004.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. **Patrimônio imaterial no Brasil** / Maria Laura Viveiros de Castro e Maria Cecília Londres Fonseca. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

GAMBINI, Roberto. Sonhos na Escola. In: SCOZ, Beatriz (org.) (Por) **Uma Educação com Alma** – A objetividade e subjetividade nos processos de ensino /aprendizagem. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. **Educação Ameríndia**: a dança e a escola Guarani. 2ª Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. Ática: São Paulo: 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. **Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**. Relatório Mundial. Cap. I, (ISBN nº 978-92-3-104077-1, 2009. Disponível: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>. Acesso 9 ago. 2016.

_____. Diversidad Cultural e Interculturalidad en Educación Superior. Experiencias en América Latina. Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina y el Caribe IESALC-UNESCO, 2008. Disponível: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001375/137520e.pdf> - UNESCO Perspectives of multiculturalismo. Acesso em: 10 ago. 2016.

UNESCO. Relatório Mundial da UNESCO – Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. 2009. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>. Acesso em 16 de jul. 2016.

Religiões brasileiras e afro-brasileiras. In Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2016. Web, Disponível em: <http://escola.britannica.com.br/article/487856/religioes-brasileiras-e-afro-brasileiras>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

<http://maltadobeabadeangola.blogspot.com.br/search/label/Hist%C3%B3rico>

http://www.viamao.rs.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1130:2015-04-14-17-33-24&catid=2:noticias&Itemid=14

<https://www.blogger.com/profile/05919583572567688374>, com acesso em 05/08/2016

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/08/os-guarani-mbya-apresenta-fotografias-de-aldeias-indigenas-do-estado-4824851.html>

http://www.viamao.rs.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1130:2015-04-14-17-33-24&catid=2:noticias&Itemid=14

<http://www.uasb.edu.ec/UserFiles/369/File/PDF/CentrodeReferencia/Temasdeanalisis2/Globalizacionpazyddhh/articulos/pguerrero.pdf>